

- Pestana, M. & Gageiro, J. (2000). *Análise de dados para ciências sociais: métodos estatísticos de base complementariedade do SPSS* (2.ª ed.). Lisboa: Ed. Sílabo.
- Podsakoff, P., Mackenzie, S., Moorman, R., & Fetter, R. (1990). Transformational leader behaviors and their effects on followers' trust in leader, satisfaction and organizational citizenship behaviors. *Leadership Quarterly*, *1*(1), 193-192.
- Podsakoff, P.; Mackenzie, S. & Boomer, W. (1996). Transformational leader behaviors and substitutes for leadership as determinants of employee satisfaction, commitment, trust and organizational citizenship behaviors. *Journal of Management*, *22* (2), 259-298.
- Rego, A., & Cunha, M. (2004). *A essência da liderança: mudança, renovação e integridade* (2.ª ed.). Lisboa: Editora RH.
- Rocha, A. M. (2005). *Inteligência Emocional, Liderança Transformacional e a sua aplicação na liderança*. Trabalho Final do Seminário de Psicologia da Educação (não publicado). Évora: Universidade de Évora.
- Rocha, A. M.; Melo, M. & Santos, N. R. (2005a). Determining the existing relationship between Emotional Intelligence, Transformational Leadership and leader's effectiveness. Poster presented in the 9th European Congress of Psychology, Granada, Spain: 3-8 July.
- Rocha, A. M.; Melo, M. & Santos, N. R. (2005b). Na senda das relações existentes entre inteligência emocional, liderança transformacional e eficácia da liderança. Comunicação apresentada no VI Simpósio de Computação e Organização. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 30 de Setembro.
- Sala, F. (2001). It's lonely at the top: executives' emotional intelligence and (mis)perceptions. *Consortium for Research on Emotional Intelligence in Organizations*. Hay/McBer. Consultado em outubro de 2004 em www.elconsortium.org
- Sivanathan, N. (2002). Emotional intelligence, moral reasoning and transformational leadership. *Leadership & Organization Development Journal*, *23*(4), 198-200.
- Weinberger, L. A. (2003). *An examination of the relationship between emotional intelligence, leadership style and perceived leadership effectiveness*. Ph.D. Thesis, Paul, MN: Swanson & Associates, Human Resource Development Center.
- Yukl, G. (1999a). An evaluation of conceptual weakness in transformational and charismatic leadership theories. *Leadership Quarterly*, *10*, 285-305.

27. ARTISTAS CRIATIVOS E CIENTISTAS INTELIGENTES

Uma dicotomia enraizada ao longo do desenvolvimento

Sara Bahia

Ciência e Arte: quantas culturas?

Que aprendemos através da observação de modelos, constitui um argumento irrefutável vindo dos modelos da aprendizagem social.

Que ensinar é mostrar, parece ser uma defesa plausível do sentido etimológico do termo ensinar, adoptada pelo paradigma da modelagem social.

Que os alunos são permeáveis aos modelos de referência mostrados pelos agentes educativos, parece ser uma assunção lógica decorrente do paradigma da aprendizagem por observação.

Que as teorias implícitas acerca da criatividade e da inteligência moldam a nossa produção criativa e inteligente, é uma conclusão lógica decorrente das premissas anteriores, se conjungarmos o conhecimento que temos sobre os processos de aprendizagem e com o que temos sobre a inteligência e a criatividade.

Este encadeamento conduz inevitavelmente à questão: Quais são os modelos que os jovens associam à inteligência e à criatividade? Para além da natural curiosidade que a questão suscita, a sua resposta pode bem indiciar as representações sociais e culturais acerca das figuras históricas que se associam à inteligência e à criatividade.

As representações culturais das pessoas inteligentes e criativas associam-se intrinsecamente às representações sobre processos e produtos criativos, não fosse o conceito dos 4 P's uma sistematização recorrente na explicação da multiplicidade dos factores que confluem na criatividade. E ao falarmos de produtos criativos e inteligentes passamos para a fronteira do mundo do conhecimento. Vivemos num mundo que persiste em fragmentar o conhecimento. A herança do Positivismo e a autonomia das ciências obrigaram à especialização afastando a criação uma – científica e artística – que caracterizou o Renascimento e o Iluminismo.

escolas do Distrito de Lisboa que escrevessem o nome das 3 pessoas mais criativas da História da Humanidade e 90 minutos depois o nome das 3 mais inteligentes ou vice-versa, isto é, metade das turmas inquiridas respondeu escreveu primeiro o nome das pessoas mais inteligentes da História da Humanidade, viu a sua folha recolhida e na final da aula viu distribuída e, posteriormente recolhida, a segunda folha de resposta preenchida com os nomes das três pessoas consideradas mais criativas.

A média de idades destes alunos é de 15 anos e 9 meses, sendo 495 do género feminino e 330 masculino. 44 alunos frequentam o 2º Ciclo, 398 o 3º Ciclo e 382 o Ensino Secundário. Os alunos do Ensino Básico frequentam escolas do ensino público e privado, bem como metade dos alunos do Ensino Secundário, enquanto a restante metade deste último grupo frequenta Escolas Profissionais.

Em termos gerais, estes alunos consideram astrónomos, biólogos, filósofos, físicos, geólogos, informáticos, matemáticos, médicos, psicólogos como inteligentes, mas não como criativos e, no lado oposto, arquitectos, compositores, escritores, pintores, realizadores, e outras artistas, bem como inventores como criativos, mas não como inteligentes.

Ilustrando esta tendência geral, na opinião dos alunos do 10º, 11º e 12º ano Freud não terá assumido riscos, tolerado ambiguidades e aberto novos horizontes no seu domínio do conhecimento. E outros pioneiros da Psicologia como Wundt, Pavlov, Watson e Piaget, não terão sido inovadores, originais, curiosos, flexíveis, inconformistas. Psicólogos, filósofos, médicos, biólogos, físicos, matemáticos partem, do ponto de vista destes alunos, não ter jogado imaginativa mente com noções e combinações de ideias e não ter criado novas classificações e sistematizações do conhecimento desafiando as convencionais. Em suma, os alunos que referiram estes cientistas partem não reconhecer que as suas características criativas.

A imagem oposta também está presente. Miguel Ângelo é considerado por todos os que o referem “apenas” como criativo, mostrando-o apenas como um “mero” talentoso, inovador e original no domínio das artes plásticas. Mas será que Miguel Ângelo não demonstrou inteligência, ou seja, capacidade para aprender nova informação, compreender o mundo e utilizar os seus recursos para lidar com desafios? Na sua produção criativa Mozart não terá utilizado

raciocínio abstracto, a resolução de problemas e a tomada de decisão? Não terá conjugado o pensamento de ordem superior com processos mentais básicos, ou seja, não terá sido inteligente? E Walt Disney não terá revelado capacidade de adaptação ao meio ambiente? E não terá combinado conhecimento e processos mentais na criação das suas personagens? A produção criativa de Steven Spielberg não reflecte o uso de processos metacognitivos (definidores do conceito de inteligência segundo Sternberg, 2000)? Ao aperfeiçoar a máquina a vapor James Watt não revelou ser inteligente? Ou seja, só alguns inventores terão sido inteligentes? E os Futebolistas serão mais inteligentes do que os Arquitectos?

As questões acima levantadas são fruto da análise das 4806 nomeações contidas nos 825 protocolos de resposta contendo um total de 158 nomes de figuras históricas diferentes. Destas nomeações, 2401 referem-se a personagens criativas e 2405 a inteligentes. Curiosamente, quase todos os alunos encontraram na sua memória seis figuras que se destacaram pela sua inteligência e criatividade. De salientar ainda que as personalidades criativas e inteligentes coincidem apenas em 3 alunos.

A única diferença desenvolvimentista é o número de referências a pessoas conhecidas. Assim, os colegas são referidos por 11% dos alunos do 2º ciclo, 2% do 3º e 0,3% do Secundário. Os professores são referidos por 0,7% dos alunos do 3º Ciclo e 0,1% pelos do Secundário, embora nenhum dos 44 alunos mais novos tenha referido o professor como uma figura inteligente ou criativa. O próprio por 1,6% dos alunos do 2º Ciclo, 0,8% do 3º e 0,2% do Secundário.

Estes alunos referem uma percentagem relativamente elevada de portugueses: 10% dos criativos e 6% dos inteligentes. De entre os nomes nacionais encontram-se Camões, Fernando Pessoa, José Mourinho, Pedro Nunes, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Nuno Álvares Pereira, Almada Negreiros, Marquês de Pombal, D. Afonso Henriques, D. Dinis, D. João I, D. Manuel, Rainha D. Leonor, Sophia de Mello Breyner, Alice Vieira, Luísa Ducla Soares, Saramago, Egas Moniz, José Hermano Saraiva, Siza Vieira, Cristiano Ronaldo. Os exemplos de criativos e de inteligentes portugueses abarcam escritores, poetas, pintores, estadistas, reis e rainhas, inventores e descobridores, e também médicos, historiadores, arquitectos e, apenas 53 figuras mais mediáticas de entre as quais 38 são futebolistas. Curioso

samente, o número de figuras mediáticas internacionais, incluindo figuras do mundo do cinema e da moda, apresentadores e cantores, também futebolistas soma a este números apenas mais 22, representando pouco mais de 1% das nomeações.

Quanto ao género sexual, 4,2% (200 em quase 5000 nomeações pertencem ao género feminino. 7% das personalidades criativas são mulheres enquanto que apenas 1,4% das inteligentes são mulheres. Apenas 423 (18%) dos exemplos de criativos se referem a figuras da actualidade, isto é, 397 (17%) dos inteligentes escolhidos ainda estão vivos. Infelizmente, dos 262 nomes de políticos e estadistas mortade (2,7) são figuras eticamente condenáveis. De entre os 2,3% dos considerados criativos e os 2,9% inteligentes, encontram-se nomes como Hitler ou Bin Laden.

Para além da natural saciação da curiosidade que estas respostas despertam, estas referências de carácter geral podem revelar algumas das representações sociais e culturais acerca do género sexual ou do mundo. O último aspecto referido pode indicar a preocupação com o terrorismo que se vive no início deste milénio.

Cientistas e artistas conhecidos pelos alunos

Em termos mais concretos, de entre as 4806 nomeações há 3706 nomes de cientistas e de artistas (80%), especificamente 2047 cientistas e 1759 artistas. Nos restantes 20% incluem-se filósofos, estadistas, políticos, líderes religiosos, desportistas, historiadores e empresários. Na categoria “cientistas” colocaram-se pessoas que se dedicaram a actividades como a astronomia, a biologia, a economia, a física, a geologia, a informática, os inventos, a matemática, a medicina, a psicologia, a química. A categoria dos artistas incluiu actividades relacionadas com as artes plásticas (arquitectura, design, escultura e pintura), artes do espectáculo (no domínio da música, a composição e a interpretação, no domínio do teatro e do cinema, a realização e a interpretação e, ainda, no domínio da moda) e as artes literárias (dramaturgia, prosa e poesia).

73% dos cientistas (1495) são considerados inteligentes, enquanto que 27% (552) são considerados criativos. Ou, outra forma de colocar esta constatação, 62% das pessoas inteligentes são cientistas

e 23% dos exemplos criativos são cientistas. Por seu turno, 80% dos artistas são criativos (1393) e 20% inteligentes (355), ou, colocando de outra maneira, 57% dos nomes criativos são artistas e 15% das pessoas inteligentes são artistas. Em suma, 31% do total de nomeações refere-se a cientistas inteligentes (1495) enquanto que 29% do total de nomeações se refere a artistas criativos (1393), penas 11,5% de cientistas considerados criativos 552 e 7,5% de artistas inteligentes. A restante percentagem, nomeadamente, filósofos, políticos, líderes religiosos e futebolistas, está distribuída equitativamente pela categoria “inteligentes” e “criativos”.

A figura mais citada, presente em 16% das respostas, é Albert Einstein, que é referido por quase todos os alunos (751). De entre as pessoas consideradas mais inteligentes encontram-se Einstein (543), Leonardo da Vinci (117), Galileu Galilei (110), Bill Gates (84), Aristóteles (52), Pitágoras (50) e, ainda acima do 1,5% (correspondente às 40 referências de entre as 2406 nomeações de pessoas inteligentes) aparece José Mourinho. Os eleitos como mais criativos são: Leonardo da Vinci (353), Picasso (253), Einstein (176), Miguel Ângelo (101), Camões (78), Beethoven (45) e Galileu (42).

As actividades profissionais mais referidas no rol dos inteligentes encontram-se com 26% das respostas os físicos (624), com 15% os astrónomos (372), e com uma percentagem bastante menor, os estadistas (195), os filósofos (149), os pintores (164), os psicólogos (106), os informáticos (91), os inventores (83), os matemáticos (75), os escritores (69), os poetas (63) e os líderes religiosos (45). Por seu turno, um terço dos criativos são pintores (778), seguidos dos físicos (196) com uma percentagem muito menor (8%) e dos escritores (6%), ou seja, um total 150 nomes de escritores), dos poetas (4%, 117), e ainda, dos 109 inventores e astrónomos, dos 108 estadistas, 103 compositores e 93 músicos, 66 realizadores, 65 futebolistas, 44 filósofos, 43 arquitectos e 42 líderes religiosos. Resumindo, físicos e astrónomos são associados à inteligência e pintores à criatividade.

Paradoxos, dissonâncias, perplexidades, surpresas

Muitas são as inconsistências nas respostas deste grupo de alunos. O pedido específico, a nomeação rápida das três figuras mais

inteligentes ou criativas da História da Humanidade, apela necessariamente à activação das representações sociais e culturais acerca da inteligência e da criatividade. Esta metodologia poderá induzir o eventual preconceito sobre ambos os processos e produtos, pois a rapidez exigida afasta qualquer reflexão assente na reflexão lógica. Talvez por isso Arquimedes tenha sido considerado “só” inteligente e ninguém o tenha considerado criativo. Será que o seu Eureka era o parafuso que criou não são indicadores da sua fértil criatividade? Pelo contrário, James Watt foi considerado criativo e não inteligente. Aliás, apenas alguns inventores são “só” inteligentes, enquanto que os outros (a maioria) são “só” criativos. O mesmo número de nomeações inteligentes e criativas só foi obtido por uma figura (de entre os 158 nomes diferentes referidos). Trata-se de Charles Darwin que foi considerado 10 vezes como inteligente e 10 vezes como criativo.

É curioso também verificar que os nossos Descobridores foram todos criativos e não inteligentes... Talvez por isso algumas enciclopédias electrónicas associem o termo “desenrascango” aos descobridores portugueses que eram levados nas embarcações de outras nações por serem hábeis na resolução de emergências inesperadas, ou seja, por serem peritos em resolver problemas sem as ferramentas ou técnicas adequadas, recorrendo apenas aos seus recursos imaginativos. Possivelmente por isso os futebolistas são vistos como criativos. Porém, alguns futebolistas também são vistos como inteligentes... Tal como os empresários e treinadores de futebol que são quase sempre inteligentes e raramente criativos.

A rapidez de raciocínio utilizada pelos alunos avaliados produziu outras inconsistências. Miguel Ângelo é considerado criativo e nunca é considerado inteligente. Contudo, Leonardo da Vinci é referido como criativo, embora muitos alunos também o reconhecem como inteligente. Mas Leonardo parece ser uma excepção entre os artistas. Compositores, escritores e poetas são referidos como muito mais criativos do que inteligentes. Os realizadores de cinema são criativos mas nada inteligentes, ao passo que os jogadores de xadrez são inteligentes mas nada criativos. Estas perplexidades reflectem imaturidade por parte dos alunos? Ou falta de conhecimento? Ou têm como base as representações culturais assentes em mitos que ainda persistimos em interiorizar?

O que podemos retirar destas opiniões?

A totalidade dos 158 nomes de figuras que mudaram o mundo nos vários domínios referidos neste estudo denota um conhecimento surpreendentemente vasto por parte destes alunos. Se tivermos em conta que cinco sextos destas nomeações se referem a figuras que viveram há mais de um século; que apenas uma ínfima percentagem se refere a figuras mediáticas; que nomes como Sergei Rachmaninov ou Evarist Gallois não são do conhecimento do grande público; que a variedade de nomes de pintores conhecidos por estes alunos ultrapassa a “cultura geral” dos adultos; e que muitos destes nomes são pouco divulgados pelos média muito embora surjam nas respostas espontâneas mesmo dos alunos mais novos, compreendemos que o seu conhecimento ultrapassa a mera leitura dos manuais escolares.

De facto, muitos alunos referem figuras pouco conhecidas dos “leigos” que possivelmente lhes foram “mostrados” pelos seus professores. Por exemplo, dois terços dos alunos de duas turmas do 5º ano da mesma escola referem René Magritte como criativo e dois terços de três turmas do 7º ano referem Alfred Wegener como inteligente e também criativo. A permeabilidade aos episódios narrativos destas figuras contados pelos professores parece ser um dado relevante que pode constituir, por si só, uma conclusão interessante. Toda a informação “ilustrativa” mostrada aos alunos acaba por ter um grande impacto na organização do seu próprio conhecimento. As histórias de vida ou as demonstrações de conceitos a partir de exemplos de descobertas ou de produções criativas, que muitas vezes não surgem nos manuais e não são objecto de avaliação, acabam por ser integrados no conhecimento dos alunos, que possivelmente é frequentemente disponibilizado em situações do dia a dia, ou, pelo menos, quando são solicitados a pensar em figuras inteligentes e criativas. Lembremos que uma percentagem muito elevada destes exemplos se refere a figuras não vivas que mudaram o decurso da História.

Persiste, no entanto, a separação excessiva das águas entre a Ciência e a Arte. Afinal muitos dos que mudaram o rumo do mundo eram inteligentes e criativos, artistas e/ou cientistas e/ou humanistas. Tomando apenas alguns dos exemplos que constam na lista dos 158 nomes que estes alunos referiram: Leonardo da Vinci, foi inventor, matemático, filósofo, engenheiro, pintor; Galileu Galilei, matemático,

astrônomo, filósofo; Albrecht Durer, pintor, desenhador, escritor, viajante, político, criador de uma máquina de cópias; Isaac Newton, filósofo, matemático, astrônomo, mudou o conhecimento da óptica da matemática, da física, do universo; Faraday, aprendiz de livraria encadernador, tipógrafo, engenheiro, físico, matemático. A juntar a estes exemplos, Samuel Morse, um pintor muito curioso, que um dia durante uma viagem transatlântica ouviu uma conversa inspiradora que motivou a invenção que o tornaria conhecido no mundo das ciências. E o estudante de pintura, de química, de anatomia e de história natural que se interessou pela filosofia e a psicologia e se tornou um grande nome desta última área do conhecimento, a saber, William James, conhecido por alunos não só do 12º ano, como também do 10º e do 11º ano.

Uma imagem interessante que pode reiterar a relevância da tarefa aqui defendida é-nos dada por Kant quando refere a ciência como o conhecimento organizado e sabedoria como vida organizada. Recordando uma sistematização mais atualizada, Sternberg (2001) perspectiva a inteligência como algo que avança as agendas, a criatividade de como algo que as questiona e propõe novos debates e a sabedoria como algo que equilibra o “velho” e o “novo”.

Porque é que ainda hoje insistimos em mostrar aos alunos que os artistas são criativos e cientistas inteligentes? Não estaremos a inibir o desenvolvimento da sua própria criatividade e inteligência? Não podemos deixar de concordar com Koberg e Bagnall (1976) quando se referem à criatividade como a arte e a ciência de pensar e de agir tanto com subjectividade como com objectividade, alternando entre aquilo que sentimos e o que já conhecemos. A procura do equilíbrio entre o novo e o já conhecido é afinal, segundo Piaget, a alavanca com que construímos a vida.

Referências

- Adams, H. (1907, 1918). *The Education of Henry Adams*. Retirado da Internet em Agosto de 2005 em http://xroads.virginia.edu/~HYPER/HADAMS/ha_home.html.
- Hamilton, J. (2002). *Faraday: The Life*. London: Harper Collins.
- Koberg, D., & Bagnall, J. (1976). *The all new universal traveller: A soft-systems guide to creativity, problem solving and the process of reaching goals*. California: Crisp Publications.

Plucker, J. A., Beghetto, R.A. & Dow, G.T. (2004). Why Isn't Creativity More Important to Educational Psychologists? Potentials, pitfalls, and Future Directions in Creativity Research. *Educational Psychologist*, 39, 2, 83-96.

- Popper, K. (1978). *Three Worlds. The Tanner Lecture on Human Values*. Comunicação proferida em The University of Michigan e publicada em Michigan quarterly, 1979. Retirado da Internet em Setembro de 2005 em <http://www.tannerlectures.utah.edu/lectures/popper80.pdf>
- snow, C.P. (1959). *The Two cultures and the Scientific Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press
- Sternberg, R.J. (Ed.) (2000). *Handbook of intelligence*. New York: Cambridge University Press.
- Sternberg R.J. (2001). What is the common thread of creativity? Its dialectical relation to intelligence and wisdom. *American Psychologist*, 56(4), 360-2.

10. Impacto de variáveis socioculturais no desempenho em testes de raciocínio	199
Cina Cláudia Lemos e Leandro S. Almeida	

11. Aptidão escolar, hiperactividade e défice de atenção	209
Adelinda Araújo Candeias, Florbela Freire, André Pedro Ferreira Cláudia Viegas Cabrita e Tânia Jerónimo Prata	

SECUNDA PARTE

Inteligência, aprendizagem e competências

12. Do paradigma cognitivista à investigação no âmbito dos processos intervenientes na aprendizagem	229
Nicolau de Almeida Vasconcelos Raposo	

13. Educação cognitiva e prevenção das dificuldades na leitura	257
Vitor Cruz	

14. Capacidade intelectual e expressão lúdica em crianças pré-escolares	277
Hilda Rosa Capelão Avoglia, Ana Paula Azevedo Brisida e Eloísa Aparecida Barroso Antonietto	

15. Estudo do desenvolvimento cognitivo em estudantes dos PALOP no ensino universitário português	291
Heldemerina Samutelela Pires	

16. O desenvolvimento intelectual de escolares integrantes de uma comunidade isolada na mata atlântica	311
Eda Marconi Custódio, Hilda Rosa Capelão Avoglia, Daniel Scurato, Amanda Bacci Effenberger, Michelle Aparecida Nicolau e Suellen Aversan Viabone	

17. Uma abordagem fenomenográfica ao que é necessário para aprender	321
Maria Luísa Fonseca Grácio	

18. Competência humana: questões acerca da sua natureza	333
Adelinda Araújo Candeias e Florbela Nunes	

19. Gestão do potencial humano em contextos organizacionais	343
Ricardo Fortes da Costa	

20. Competência emocional em professores	361
Maria Augusta Veiga Branco	

TERCEIRA PARTE
Inteligência emocional e criatividade:
a cognição para além do OI

21. Emocional intelligence and acute stress	383
Inesiré Ruiz-Aranda, Pablo Fernández-Berrocal, Héctor González-Ordi, Juan José Miguel-Tobal and José Martín Salguero-Noguera	

22. Validez del constructo de inteligencia emocional	393
Natalio Extremera, Pablo Fernández-Berrocal, Desiree Ruiz-Aranda y Rosario Cabello	

23. Relación entre inteligencia emocional y cociente intelectual	407
Nóilda Pérez Pérez y Juan Luis Castejón	

24. Relación entre medidas de regulación emocional	421
Rosario Cabello, Pablo Fernández-Berrocal, Natalio Extremera y Desirée Ruiz-Aranda	

25. The influence of perceived emotional intelligence on emotional reactivity and recovery after mood induction	435
Pablo Fernández-Berrocal, Natalio Extremera, Rosario Cabello, and Desiree Ruiz-Aranda	

26. Emotional intelligence view 360 questionnaire	449
Ana Maria Rocha, Madalena Melo, Luino Rebelo dos Santos e Adelinda Araújo Candeias	

27. Artistas criativos e cientistas inteligentes	485
Sara Bahia	

28. No pessoa criativa à atitude criativa	497
Emília Roque Ferreira e Adelinda Araújo Candeias	

29. Pinçeladas inteligentes?	511
Teresa Mafalda de Faria Gonçalves de Andrade	

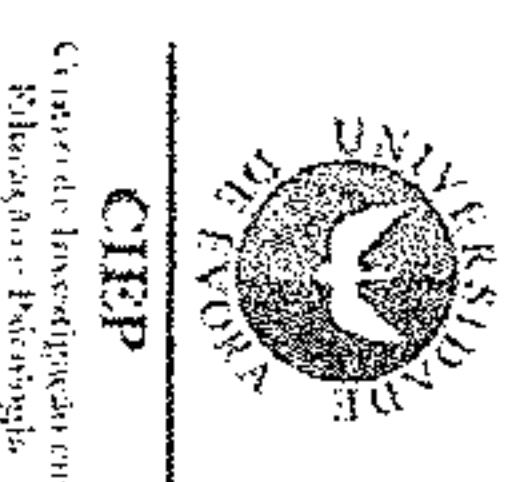
30. Gustam das minhas ideias?	521
Sara Ibérico Nogueira e Sara Bahia	

TÍTULO Inteligência Humana – Investigação e Aplicações (volume 1) | 1.ª edição,
Setembro de 2007 | **COORDENAÇÃO** Adelinda Araújo Candeias e Leandro S.
Almeida | **COLECÇÃO** Psicologia | **PRODUÇÃO GRÁFICA** Ovni.info@ovni.org | **IMPRESSÃO**
Papelmunde – SMG, Lda. | **ISBN** 978-989-558-094-1 | **DEPÓSITO LEGAL** 266916/07

© Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor por Quarteto,
Alameda Calouste Gulbenkian, lote 5, C. C. Primavera, loja 15, 3000-090 Coimbra | Portugal
editora@quarteto.pt | <http://www.quarteto.pt>

É expressamente interdita a reprodução parcial ou integral desta obra por qualquer
processo, incluindo a fotocópia e a tradução e transmissão em formato digital.
Exceptua-se a reprodução de pequenos excertos para efeitos de recensão crítica ou
devidamente autorizada por escrito pela Quarteto.

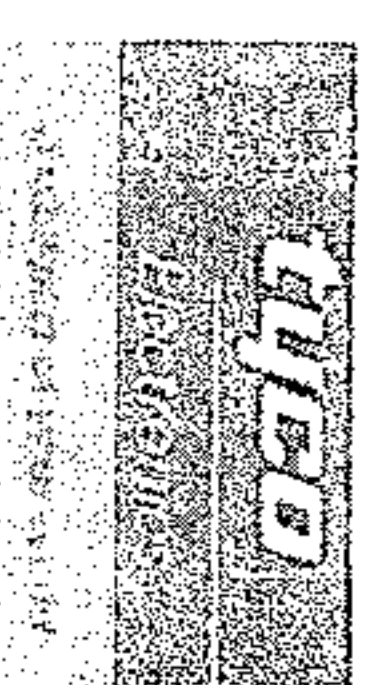
Apoios



FCIT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

ADMINISTRAÇÃO DA CIÊNCIA, INTELIGÊNCIA E HUMANISMO SUPERIOR

instituição de **sofisticada**
a **qualidade**



INTELIGÊNCIA HUMANA

INVESTIGAÇÃO E APLICAÇÕES

(VOLUME I)

ADELINDA ARAÚJO CANDEIAS E LEANDRO S. ALMEIDA
(coordenação)

